

É noite em Vila Isabel

Há quem diga que, por ser noturna, perco a beleza do amanhecer...

Mas estes não sabem os encantos da madrugada!

É noite em Vila Isabel: vejo uma dúzia de prédios, motos acelerando, carros, sirenes de ambulância.

Um homem grita algumas palavras trôpegas, que se juntam aos barulhos dos carros e parecem acionar meu vizinho de prédio, desconhecido, que canta ópera! Para muitos, sons que perturbam; para mim, música. Ouço cada som formando uma melodia que me era estranha, mas que tem sido a trilha sonora da minha quarentena: os sons da cidade.

Vejo tudo romantizado ou apenas com o olhar de uma novata?

Não sei. O que para minha amiga é valão, eu chamo de pequeno rio.

O vizinho da ópera, que não sei de onde vem, é pura música ao vivo! *Live ao vivo.*

É noite em Vila Isabel

Minha amiga diz que Martinho da Vila vem sempre a um bar aqui perto. Eu me surpreendo.

Sim. Não sabia o porquê do sobrenome “da Vila”. Outra descoberta. Vejo algo no céu reluzente... minha tensão pré-apocalíptica-pandêmica me faz titubear entre crer em uma possível invasão extraterrestre ou ser outra coisa desconhecida. Ignoro, de primeira, a luz.

Vejo a proximidade da coisa. Comento com minha amiga e ela diz:

“É um balão, é perigoso.”

Perigoso e muito! - percebi, ainda culpada por achar algo tão perigoso tão belo.

É noite em Vila Isabel

Acordo de um sonho. Acho que a quarentena não está me afetando. Acordo de outro sonho em que eu jogava cloroquina em uma capivara e ela fugia. Freud explica. Tem me afetado, sim.

Acordo com uma batida de carro; o caminhão anunciando “uma dúzia de ovos a tantos reais”. Estamos em uma pandemia. Dou conta de que é cada um desses sons que me mantém *viva*! O som do carro, dos caminhões, do homem que fala sozinho e do cantor de ópera. É noite em Vila Isabel.